

PERFIS SOCIOCULTURAIS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA¹

Edson Soares Diniz²

INTRODUÇÃO

Nesta comunicação evidenciaremos, sumariamente, perfis socioculturais dos grupos étnicos que se constituíram objeto de pesquisas de campo. Estas medeiam entre 1961 e 1979, resultando em cerca de quatro dezenas de trabalhos publicados. Estudamos os Kaiapó (Jê); os Makuxí (Karib); os Wapitxâna (Aruak); os Yanomamo (Yanomami); os Krikati (Jê); os Pukobyê (Jê); os Tenetehara (Tupi-Guarani); os Terêna (Aruak); os Guarani (Tupi-Guarani). Com exceção dos dois últimos, que vivem na Reserva Indígena do Araribá, no estado de São Paulo, os demais estão localizados na Amazônia brasileira. Tratando-se de culturas diferentes entre si, obviamente possuem características e peculiaridades específicas. Nessas sociedades, as experiências vividas pelos seus componentes são relativamente homogêneas. O cotidiano é vivido em pleno equilíbrio com a natureza; a produção é orientada pelas necessidades imediatas e, principalmente, pelo interesse comum pelo produto do trabalho. Explicitaremos as características inerentes a cada uma delas, dando ênfase aos aspectos socioculturais e aos conseqüentes comportamentos resultantes das diversas ambiências em que o indivíduo nasceu, cresceu, viveu e morreu.

¹ Comunicação apresentada no fórum de pesquisa *Antropologia na Amazônia: sociedades e culturas*, durante a 23ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada de 16 a 19 de junho de 2002, em Gramado (RS).

² MCT/Museu Paraense Emílio Goeldi. Coordenação de Ciências Humanas/Antropologia. Pesquisador. C.P. 399. Cep 66040-170, Belém-PA.

PERFIS SOCIOCULTURAIS

É sobejamente sabido que a conduta de uma pessoa está correlacionada com a cultura de sua sociedade. Todavia, deve-se ressaltar que o ser humano possui individualidade que a cultura não pode sufocar, apesar da modelagem resultante da endoculturação. Daí, cada cultura ter uma maneira diferente de realizar a experiência universal de vida, ou seja, nascimento, cuidado da criança, educação, namoro, casamento, procriação, doença, velhice e morte. Também é amplamente sabido que as sociedades humanas, embora mantenham os elementos basilares dos sistemas biossociais, a eles acrescentam linguagem, comunicação simbólica, pensamento abstrato, complexidade da vida social e cultural. Nos sistemas socioculturais, a diferenciação interna e a mudança são socialmente e culturalmente determinadas. Tratando-se de sociedades e culturas diferentes entre si e, conseqüentemente, possuindo características e peculiaridades específicas, evidenciaremos alguns aspectos fundamentais das respectivas organizações sociais. Assim, no que diz respeito aos tipos de sistemas de parentesco, as diferenças são evidentes de imediato. Basta dizer, só para exemplificar, os Kaiapó são Omaha; os Makuxí, os Yanomamo e os Wapitxâna são Iroquês; os Tenetehara são Hawaiano; os Krikati e os Pukobyê são Crow. Como conseqüência, os Kaiapó são impedidos de casar com primos(as) paralelos e cruzados; o mesmo ocorrendo com os Krikati, Pukobyê e Tenetehara; já os Wapitxâna, tal como os Yanomamo e os Makuxí, podem consorciar-se com os primos(as) cruzados, mas não com os primos(as) paralelos.

Os Krikati, os Pukobyê e os Kaiapó são falantes da língua Jê. Os dois primeiros são classificados como Timbiras orientais e os últimos como Kaiapó do norte. Suas respectivas organizações sociais são complexas, sendo os comportamentos correlatos com essa complexidade, fato que os caracteriza na literatura etnológica. Os dois primeiros são habitantes da pré-Amazônia maranhense e os últimos do sul do estado do Pará, no médio Xingu. A cultura material é semelhante

entre eles. Desconhecem o fabrico da cerâmica e praticam uma horticultura rudimentar. Predominam a caça e a coleta. O convívio com seus vizinhos brasileiros é usual, embora o processo aculturativo não tenha atingido os padrões basilares dessas culturas. A residência uxorilocal é formada por várias famílias elementares de uma mesma parentela matrilinear. São proibidos os casamentos entre parentes próximos, sejam matrilineares ou patrilineares. Um aspecto evidente é a nomeação que se transmite de um homem para o filho da irmã e de uma mulher para o filho do irmão. Sejam irmãos reais e/ou classificatórios. Os avós maternos e paternos, de acordo com o sexo, transmitem também seus nomes para os filhos e filhas dos filhos e das filhas. Deve-se notar que o parentesco dos dois primeiros é do tipo Crow e dos últimos do tipo Omaha. O xamanismo tem grande influência nesses grupos. Em suma, todos continuam com as respectivas organizações sociais, ergologias e identidades étnicas operativas.

Os Makuxí, os Wapitxâna e os Tenetehara são falantes, respectivamente, das línguas Karib, Aruaque e Tupi-Guarani. Os dois primeiros vivem respectivamente nos campos do estado de Roraima e os últimos habitam a pré-Amazônia maranhense. Todos estão em contato com os brasileiros há mais de dois séculos; primeiramente, de modo gradual até a primeira metade do século passado, acentuando-se cada vez mais a partir da sua segunda metade. Suas respectivas organizações sociais tradicionais estão sensivelmente abaladas por esse convívio interétnico acentuado. Os sistemas de parentescos são do tipo Iroquês para os dois primeiros e do tipo Hawaiano para os últimos. Todos praticam a poliginia e os dois primeiros têm casamento preferencial com os primos(as) cruzados, enquanto que os últimos proibem tal modo de união conjugal. Embora esses grupos mantenham suas identidades étnicas e o fulcro de suas organizações sociais, são bilíngües, isto é, falam seus idiomas e o português. Sua cultura material está muito modificada e parcelas deles, particularmente os dois primeiros, vivem em cidades e vilas em conjunto com a sociedade regional.

Finalmente, os Yanomami que vivem no Brasil são habitantes das florestas dos estados de Roraima e do Amazonas. Falam a língua Yanomami; têm apenas contatos intermitentes com os indivíduos não-indígenas e mantêm integralmente sua organização social. Seu sistema de parentesco é do tipo Iroquês, o casamento ocorre entre primos cruzados e praticam a poliginia; possuem tabus de nomes pessoais. Praticam uma incipiente horticultura, principalmente com o cultivo de bananas que constituem sua alimentação básica e, também, caça, pesca e coleta. Praticam o xamanismo, sendo que às vezes o chefe político e o xamã são a mesma pessoa. A chefia é hereditária.

CONCLUSÃO

Esta comunicação refere-se às culturas estudadas pelo mesmo pesquisador, fato que a diferencia de análises que envolvem várias culturas, porém, os dados foram obtidos por diversas pessoas. Trata-se, no conjunto, de indivíduos socializados em diferentes sociedades e culturas, cujos comportamentos são resultantes de uma variedade de ambientes socioculturais. As informações fornecem respostas às indagações referentes aos comportamentos, resultantes das vivências pessoais nas suas respectivas sociedades e culturas, como consequência da dinâmica da conduta humana. Procuramos, sumariamente, evidenciar os perfis socioculturais daqueles grupos tribais da Amazônia, que foram objeto de nossos estudos. Obviamente, apresentam características peculiares não só pelos respectivos padrões culturais, mas também pela situação de vivência interétnica. Destacamos as organizações sociais, em particular os sistemas de parentesco, porque a experiência etnológica tem demonstrado que são resistentes às influências dos contatos intertribais e interétnicos. Os Kaiapó, por exemplo, são obsecados por parentesco. Além dos parentes reais e classificatórios, eles criam liames para aumentar o número de aparentados, inclusive fictícios. Ter muitos parentes significa prestígio e segurança de reciprocidade. Deste modo, os diferentes e similares

modos de vida das sociedades aqui mencionadas, nos dão uma mostra dos perfis dos seus respectivos padrões culturais. Em suma, apresentam aspectos do comportamento de grupos étnicos representativos de diferentes nichos ecológicos da Amazônia brasileira.